

TERRITÓRIOS DE LUTA E ESPERANÇA: EMPREENDEDORAS PERIFÉRICAS DE CANOAS NO PÓS-DESASTRE

Kelly Carolina Alves Antunes¹

RESUMO

O estudo em questão investigou como empreendedoras residentes em bairros periféricos de Canoas-RS enfrentaram o processo de reconstrução de seus negócios após as enchentes de maio de 2024. A pesquisa buscou compreender a problemática e a forma que essas mulheres enfrentaram a perda de impactos materiais, emocionais e estruturais causados pelo desastre, bem como quais estratégias buscaram para retomar suas atividades econômicas. A metodologia utilizada foi qualitativa e exploratória, baseada em entrevistas semiestruturadas com dez empreendedoras dos bairros Harmonia, Mathias Velho, Rio Branco e São José. A análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), permitiu a categorização dos principais achados: motivações para empreender, impactos da enchente, estratégias de retomada, redes de apoio e percepções de mudança. Os resultados revelam prejuízos significativos, como perda total de mercadorias, espaços de trabalho e queda da renda total ou quase total, somados ao abalo emocional, traumas e sensação de insegurança. A retomada ocorreu de forma lenta, marcada pela necessidade de reorganização financeira, adaptação dos meios de trabalho e reconstrução simultânea das residências. As redes de apoio - em muitas vertentes - foram essenciais para o recomeço, destacando o papel da solidariedade em momentos de crise. As entrevistadas também relataram aprendizagens, fortalecimento pessoal e esperança, demonstrando resiliência e capacidade de. Portanto, conclui-se que o empreendedorismo feminino periférico desempenhou papel central na reconstrução econômica e emocional das comunidades afetadas.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino; redes de apoio; vulnerabilidade; reconstrução pós desastre.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedor é frequentemente caracterizado como um indivíduo diferenciado, movido por motivação singular, paixão pelo que faz e pelo desejo de deixar um legado. Longe de se conformar com a posição de “mais um na multidão”, ele busca reconhecimento e impacto, atuando como agente catalisador de inovação e progresso. Ao identificar oportunidades e mobilizar recursos para explorá-las, esses sujeitos não apenas criam novos produtos e serviços, mas introduzem formas inovadoras de pensar, gerir e transformar negócios. Em um contexto marcado por

¹ Discente do Curso de Administração da Universidade La Salle, e-mail: kelly.202214123@unilasalle.edu.br. Artigo desenvolvido em caráter de Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Prof.^a Dra. Cristiane Duarte de Arruda. e-mail: cristiane.duarte@unilasalle.edu.br. Data de Entrega: 12 de dezembro de 2025.

rápidas mudanças tecnológicas e pela constante evolução dos padrões de consumo, os empreendedores assumem posição estratégica na dinamização econômica e no avanço tecnológico (Ciatos, s.d.).

Dornelas (2008) ressalta que, por trás das inovações, há indivíduos ou equipes com características específicas: são visionários, questionadores, dispostos a assumir riscos, determinados a fazer diferente e comprometidos com a realização de suas ideias. Nesse sentido, compreender o comportamento empreendedor e o processo que o envolve torna-se essencial, especialmente porque o empreendedorismo não é um fenômeno homogêneo. Diferentes grupos sociais vivenciam realidades desiguais ao buscar inserção e consolidação no ambiente de negócios. Entre esses grupos, ganham destaque as mulheres empreendedoras, que, conforme o Sebrae (2025), enfrentam barreiras específicas para iniciar e manter seus negócios, evidenciando a necessidade de aprofundar o debate sobre empreendedorismo feminino e os obstáculos que limitam a atuação plena das mulheres.

Apesar de representarem aproximadamente metade da população, as mulheres historicamente estiveram sub-representadas em posições de liderança no mercado de trabalho. Mesmo quando optam por empreender, enfrentam obstáculos como restrições orçamentárias, baixo apoio familiar, burocracias envolvendo formalização ou locação de espaços e, sobretudo, a sobrecarga da jornada doméstica, que ainda consome mais de três horas diárias da rotina feminina. Esses desafios são evidenciados em estudo do Sebrae, que aponta como mulheres acumulam significativamente mais horas de afazeres domésticos e cuidados com a família em comparação aos homens, reduzindo seu tempo e energia disponíveis para o desenvolvimento de seus negócios (SEBRAE, 2023).

Dados do SEBRAE (2023), também mostraram que o Brasil é o sétimo país com o maior número de mulheres empreendedoras no mundo: dos nossos 52 milhões de empreendedores, 30 milhões são mulheres (cerca de 57%), percentual que revelou o protagonismo crescente do empreendedorismo feminino no desenvolvimento local.

Esse dinamismo empreendedor, que impulsiona comunidades e fortalece a economia, tornou-se ainda mais evidente diante dos desafios recentes enfrentados pelo estado. Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul foi duramente atingido por enchentes, afetando cerca de 180 mil pessoas e deixando mais da metade da população canoense desabrigada. Canoas foi uma das cidades mais prejudicadas: mais de 26 mil estabelecimentos comerciais foram diretamente impactados, dos quais 16 mil eram MEIs (Prefeitura Municipal de Canoas, 2024). Os bairros periféricos, a exemplo dos Bairros Mathias Velho, Rio Branco, Mato Grande, Harmonia, Fátima, São Luís, Cinco Colônias, Central Park, Vila Cerne, Santo Operário e Niterói, figuraram entre os mais afetados, recebendo alertas de evacuação e vivenciando perdas severas.

Segundo o Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2024), o desastre ocasionou prejuízos expressivos aos setores de comércio, serviços e indústria, evidenciando a vulnerabilidade de pequenos empreendedores diante de emergências socioambientais. Essa vulnerabilidade é ainda mais intensa quando se consideram recortes de gênero, território e raça, sobretudo em regiões periféricas, onde muitas mulheres empreendedoras tiveram seus negócios interrompidos, perderam infraestrutura básica, viram sua renda familiar diminuir e encontraram dificuldades para acessar crédito, políticas públicas ou redes de apoio.

Diante desse cenário, este estudo buscou responder à seguinte questão: como as empreendedoras dos bairros periféricos de Canoas estão lidando com a gestão e reconstrução de seus negócios no período pós-enchente, e quais estratégias têm adotado para manter ou retomar suas atividades econômicas?

Desse modo, com base na problemática identificada, o objetivo geral do estudo buscou analisar os desafios e as oportunidades enfrentados pelas empreendedoras no processo de reconstrução e retomada de seus negócios após as enchentes. Como objetivos específicos, buscou-se:

a) Identificar os principais impactos das enchentes sobre os negócios liderados por mulheres nos bairros periféricos de Canoas, considerando aspectos econômicos, estruturais e emocionais;

b) Compreender as estratégias utilizadas para reerguer seus negócios e manter-se ativas no mercado local;

c) Analisar as oportunidades de apoio, capacitação e fortalecimento do empreendedorismo feminino no contexto pós-desastre, considerando iniciativas públicas, privadas e comunitárias.

A escolha do tema se justifica pela relevância social, histórica e acadêmica da problemática. Investigar o empreendedorismo feminino nas periferias de Canoas permite compreender não apenas o perfil desses negócios, mas os desafios enfrentados, os recursos mobilizados e os impactos gerados em suas comunidades. Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre gênero, inclusão social e desenvolvimento local, além de oferecer visibilidade às trajetórias dessas mulheres, cuja atuação desempenha papel estratégico na revitalização econômica e na reconstrução do tecido social no período pós-desastre.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Empreendedorismo: conceitos e evolução

Com origem no latim, o primeiro registro de empreender em dicionários de língua portuguesa foi no Vocabulário Portuguez e Latino, entre os anos de 1712-1728, que atribui a esse termo o significado de tomar a atitude de fazer alguma ação ou obra. Mesmo com todas as transformações e inovações, o conceito começou a ganhar notoriedade no meio acadêmico somente em meados de 1945, quando o economista Joseph Schumpeter na sua teoria da destruição criativa. Segundo ele, a destruição criativa ocorre quando empreendedores criam produtos ou novas formas de produzir em substituição aos antigos métodos, causando, assim, mudanças na economia. Mais tarde, o estudioso Robert D. Hisrich, em seu livro Empreendedorismo, refere-se ao termo como sendo o processo de criar algo novo e valioso, dedicando tempo e esforço, assumindo os possíveis riscos financeiros, psicológicos e sociais e conquistando as consequentes recompensas econômicas e pessoais (SEBRAE, 2022).

Dornelas (2008) destaca que em termos mundiais, seu crescimento ganhou forma a partir da década de 1990 e acelerou somente nos anos 2000, se tornando centro das políticas públicas na maioria dos países. O autor compreende o empreendedorismo como fazer algo que seja moderno, diferente, mudando a situação atual e buscando constantemente oportunidades com foco em inovação e criação de valor. Na visão apresentada por Costa, Cericato e Melo (2007, p.5):

Empreendedorismo é a criação de valor por pessoas e organizações trabalhando juntas para implementar uma idéia por meio da aplicação de criatividade, capacidade de transformação e o desejo de tomar aquilo que comumente se chamaria de risco. O empreendedorismo pode ser considerado como o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do autoconhecimento em processo de aprendizado permanente, em atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas. Portanto, é uma questão de liberdade individual, qualquer pessoa pode ativar a motivação para empreender.

O empreendedorismo desempenha papel fundamental na criação e no crescimento de negócios, assim como na prosperidade de nações e regiões. Esses resultados em larga escala podem ter princípios modestos, pois as ações empreendedoras começam quando uma oportunidade lucrativa encontra um indivíduo capacitado para explorá-la. Nesse sentido, as oportunidades empreendedoras são situações nas quais novos bens, serviços, matérias-primas e métodos organizacionais podem ser introduzidos e vendidos por um valor maior do que seu custo de produção (Hisrich; Peters; Shepherd, 2014, p. 6).

De acordo com Dornelas (2008), empreender é um processo de identificar, desenvolver e transformar ideias em oportunidades de negócio viáveis, exigindo proatividade, inovação e capacidade de assumir riscos calculados. Esse fenômeno está diretamente relacionado à capacidade do indivíduo de agir de forma proativa, antecipando-se às mudanças do ambiente e assumindo riscos calculados. Para o autor, empreender não significa apenas ter ideias, mas transformá-las em empreendimentos que gerem valor econômico e social. De forma complementar, Leite (2000) enfatiza que o empreendedorismo envolve a constituição de valor por pessoas e organizações que trabalham juntas para desenvolver ideias por meio de inventividade, capacidade de transformação e disposição para assumir riscos.

Dornelas (2010) também destaca algumas características que são marcantes para o perfil empreendedor, são elas: identificação e entusiasmo pelo desenvolvimento do plano de negócio, capacidade de transformar o ambiente em que se encontra através da sua criatividade, visão para evitar futuros riscos, e capacidade de localizar oportunidades. No contexto do empreendedorismo, é fundamental considerar três aspectos centrais: a iniciativa de criar e gerir um novo negócio, a definição e crescimento das metas e expectativas do empreendedor ao longo da trajetória, e a introdução de inovações que diferenciam produtos, serviços ou processos, atendendo melhor às necessidades do público e contribuindo para o desenvolvimento do negócio e da comunidade (SEBRAE, 2021).

Além disso, o perfil do empreendedor se distingue por sua forma de pensar e tomar decisões. Hisrich, Peters e Shepherd (2014), afirmam que os empreendedores pensam de modo diferente das outras pessoas. Um empreendedor em determinada situação pode raciocinar de modo diferente do que quando está realizando outra atividade ou quando está em um ambiente de decisões. É frequente os empreendedores tomarem decisões em ambientes extremamente inseguros, com altos riscos, intensas pressões de tempo e considerável investimento emocional. Nesses ambientes difíceis, todos pensamos de uma forma diferente do que quando a natureza de um problema é bem compreendida e dispomos de tempo e procedimentos racionais para solucioná-lo. Dada a natureza do ambiente de tomada de decisões de um empreendedor, às vezes ele precisa pensar estruturalmente, executar e se adaptar de modo cognitivo.

Para o SEBRAE (2022), são vários os conceitos ligados ao empreendedorismo, sempre vinculados a palavras como idealização, transformação, inovação, criação, realização e liderança. Desse modo, a ideia de que um empreendedor é aquele que dirige uma empresa não é necessariamente verdadeira, pois é possível empreender em muitas áreas e em muitas atividades, desde que se desenvolvam as habilidades necessárias. O empreendedor é uma pessoa disposta a assumir riscos, com capacidade de resiliência, aprendizado e persistência, além de um ótimo senso de iniciativa e liderança. É possível empreender como inventor de um produto ou serviço, de uma tecnologia ou um objeto, como dono de um site ou de uma loja virtual, entre outras possibilidades. Ou seja, empreender, não é somente administrar um negócio, sobretudo um negócio físico.

Neste sentido, o empreendedor desempenha um papel crucial como intermediário na relação de troca e transição de serviços e produtos quanto à oferta e demanda (Hisrich, 1986). O conjunto de comportamentos empreendedores que buscam compreender a carência de mercado é importante para que o empreendedor alcance seu objetivo. Assim, compreender o conceito e a evolução do empreendedorismo permite analisar suas manifestações contemporâneas, como o empreendedorismo individual, abordado a seguir.

2.2 MEI - Microempreendedor individual

Desde a década de 1990, o empreendedorismo é uma questão importante no debate público brasileiro sobre formas de superar a pobreza e as desigualdades da nossa sociedade. Embora a informalidade continue sendo uma medida oficial nas estatísticas do mercado de trabalho – e atualmente represente cerca de 40% da força de trabalho ativa do Brasil – houve uma mudança analítica progressiva em direção a categorias como empregabilidade e empreendedorismo, que colocam a responsabilidade pela inserção econômica nos trabalhadores e em suas condições individuais de inclusão no mercado de trabalho (Silva, 2002; Tommasi e Corrochano, 2020).

Com base na evolução do empreendedorismo, surge no Brasil a figura do Microempreendedor Individual (MEI), resultado de políticas públicas voltadas à formalização e estímulo de pequenos negócios. Segundo a pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), divulgada pela CNN Brasil (2025), os Empreendedores Individuais (MEIs) representaram cerca de 78% dos novos negócios abertos no primeiro trimestre de 2025, correspondendo a aproximadamente 1,4 milhão de pequenos empreendimentos. Apesar desse crescimento expressivo, ainda persistem desafios relacionados ao acesso a crédito e à gestão financeira.

Ainda neste contexto, o surgimento do empreendedor individual no Brasil reflete uma iniciativa governamental voltada à redução da informalidade e ao estímulo da formalização de pequenos negócios. Essa modalidade possibilita ao trabalhador o acesso a direitos previdenciários e benefícios sociais, como auxílio-maternidade, aposentadoria e seguro saúde, além de facilitar o acesso a linhas de crédito com juros reduzidos e a participação em licitações e compras governamentais. Nesse contexto, o empreendedorismo individual consolida-se como uma ferramenta de inclusão produtiva e social.

Em 2024, o país registrou níveis históricos de empreendedorismo, com aproximadamente 47 milhões de adultos entre 18 e 64 anos envolvidos em algum estágio de empreendedorismo, o que resultou em uma taxa de empreendedorismo total de 33,4% da população adulta (SEBRAE, 2025). Em relação aos desafios e oportunidades após a formalização como empreendedor individual, houve uma contribuição de melhora nos empreendimentos no sentido de acesso a fornecedores, emissão de nota fiscal, credibilidade da empresa e segurança em relação à previdência, o que vem possibilitando o crescimento destes empreendimentos. Para Silveira, Teixeira e Caixeta (2011), a legislação do Empreendedor Individual foi criada para proporcionar aos empreendedores informais a oportunidade de formalizar seus negócios com baixo custo, ampliando as chances de crescimento e estabilidade. Para Silveira e Teixeira (2011), p. 223:

A legislação do Empreendedor Individual (EI) é uma forma de proporcionar aos empreendedores informais ou aqueles que possuem sonho de abrir um próprio negócio, a concretização de uma empresa registrada, com baixo custo e ter acesso a diversos benefícios com a formalização, proporcionando grandes chances de crescimento para a empresa.

De acordo com o Sebrae, MEI (Microempreendedor Individual) é a forma de formalização de um profissional autônomo que trabalha por conta própria, sem sócios e com um faturamento anual de até R\$81.000,00. A formalização é simplificada e concede ao empreendedor um CNPJ, além de permitir que ele emita notas fiscais e tenha acesso a benefícios como empréstimos e contas empresariais (SEBRAE, 2023).

De acordo com os dados econômicos, a atuação dos microempreendedores individuais (MEI) é responsável pela movimentação de bilhões de reais por ano no país. Avaliação de impacto inédita, realizada pelo Sebrae em parceria com a Fundação Getulio Vargas (FGV), revela que o efeito da formalização do MEI gira entre R\$ 19,81 bilhões e R\$ 69,56 bilhões. Isso ocorre porque a formalização permite que os donos de pequenos negócios obtenham ao se formalizarem. Ao conquistarem um CNPJ, eles aumentam sua renda entre 7% e 25%.

Esses dados mostram que o MEI vale a pena não somente para os empreendedores, mas para toda a sociedade também. Se não houvesse essa figura jurídica, criada em 2009, esse ganho de até R\$ 69 bilhões não existiria. A formalização aumenta a renda e as horas de trabalho dos donos de pequenos negócios, pontua o presidente do Sebrae, Décio Lima. (SEBRAE, 2023, n.p.)

De acordo com pesquisas recentes realizadas em 2024 e 2025, as mulheres já representam cerca de 43,7% a 45% do total de MEIs no país (Mercado & Consumo, 2023). Além dos benefícios econômicos, o empreendedorismo individual também desempenha um papel social importante. De acordo com o perfil dos empreendedores individuais, atualmente, 24% têm entre 16 e 30 anos e o empreendedorismo escolar tem sido crescente. Graças ao protagonismo feminino, as mulheres já são 46% desse universo e, negros, 54%. Além disso, 78% dos microempreendedores não possuem outra fonte de renda e dependem exclusivamente dos rendimentos gerados por seus negócios (MEMP, 2023). Dados do Sebrae também revelam uma participação significativa feminina nesse tipo de negócio (SEBRAE, 2023) reforçando que o MEI pode ser uma importante ferramenta de inclusão social, especialmente para grupos historicamente sub-representados, ao oferecer meios de formalização, renda e autonomia.

O MEI tem se mostrado um instrumento eficiente de formalização, geração de renda e inclusão social, beneficiando milhões de brasileiros. Embora existam desafios a longo prazo relacionados à sustentabilidade da Previdência, as tendências apontam para crescimento contínuo, principalmente com a adoção de tecnologias digitais e expansão de negócios em ambientes digitais, o que aumenta a competitividade e as oportunidades de sucesso para os empreendedores individuais. Além dos aspectos econômicos e estruturais, o empreendedorismo também pode ser analisado sob a perspectiva de gênero, destacando o protagonismo das mulheres, conforme abordado a seguir.

2.3 Empreendedorismo feminino

No começo do século XX, as mulheres alcançaram direitos civis e políticos por meio de lutas sociais proporcionadas pelo seu acesso à educação, o que significou o início da busca pela igualdade de gênero. Na década de 1970 esses movimentos tiveram um efeito positivo com as instituições sociais, redefinindo a divisão segundo o gênero no trabalho. A partir daí, ocorreu uma crescente participação da mulher no mercado de trabalho, mas, apesar desse crescimento, ela ainda é pequena em relação à participação dos homens (Lages, 2005).

A partir da década de 1980, o empreendedorismo feminino começa a ser destaque como sujeito de pesquisa. Durante este período, pelo menos quantitativamente, as pesquisas sobre empreendedorismo feminino cresceram e começaram a demonstrar os padrões encontrados. Esse aumento pode ser explicado, pelo menos em tese, pelo crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, não só como empregada, mas também como empregadora e proprietária de seu próprio negócio (Gomes *et al*, 2014).

(...) as mulheres empreendedoras eram vistas em termos de estereótipos sexuais no processo de tomada de empréstimo em instituições de financiamento e concluíram que os agentes financeiros tinham uma compreensão generalizada e preconceituosa de que a mulher teria menos chance de lograr êxito se comparada ao homem, uma vez que não possuíam os “atributos” necessários para ser empreendedora de fato. (Gomes *et al*. 2014, p. 323).

De acordo com o exposto, o papel da mulher na sociedade vem sendo alterado ao longo das últimas décadas, ganhando destaque o incremento de sua participação no mercado de trabalho. Elas se posicionam não apenas como empregadas, mas também como empregadoras (Alperstedt; Borges; Serafim, 2014). Notadamente, o alcance do empreendedorismo feminino se destaca no fortalecimento das pequenas e médias empresas.

Sob essa perspectiva, o empreendedorismo feminino é o conjunto de negócios idealizados ou comandados por mulheres. O termo abrange não apenas a criação de empreendimentos por mulheres, como também a presença feminina em cargos de liderança. De acordo com Wilkens, (1989, p. 20):

A empresária empreendedora é uma alma independente, uma pessoa criativa que gosta de arriscar, e que, por sua própria vontade, faz de uma ideia um empreendimento lucrativo. A verdadeira empresária empreendedora acha irresistíveis os novos empreendimentos e prospera dando vida às suas ideias. No entanto, a criatividade, a imaginação e uma queda pela ação compõem apenas um lado de sua personalidade; ela pode ser autocrítica, severa e controladora também. A típica empresária empreendedora sempre acha que seu caminho é a única maneira de realizar algo (Wilkins, 1989, p. 20).

Em síntese, acredita-se que a mulher empreendedora seja aquela que tem capacidade de identificar novas oportunidades, tem segurança para tomar decisões, tem competência para assumir riscos, além de habilidade e inspiração para ser líder, além de acreditar no seu potencial e talento para empreender e conhecer o ramo empresarial.

Nesse contexto, durante a pandemia de Covid-19, muitas mulheres em regiões periféricas recorreram ao empreendedorismo como alternativa de renda. De acordo com o estudo *Persona Favela*, no ano de 2024, cerca de 60% dos empreendimentos das periferias são liderados por mulheres, evidenciando o protagonismo feminino nesse cenário. Além do impacto econômico, esse tipo de empreendedorismo fortalece a representação social, o empoderamento e a transformação comunitária, embora ainda enfrente barreiras relacionadas à falta de estímulo financeiro e educacional (Central Periférica, 2024).

Seguindo essa perspectiva, o empreendedorismo periférico surge como uma estratégia de resistência e inovação em meio a contextos de desigualdade e exclusão. Segundo Ribeiro Neto (2025), o empreendedorismo nas periferias representa uma das principais forças de transformação social e econômica do país, indo além de uma resposta à falta de emprego formal. Trata-se de uma prática que expressa o desenvolvimento humano integral, promovendo a dignidade, a solidariedade e o fortalecimento do bem comum, uma vez que possibilita às populações vulneráveis gerar renda, fortalecer vínculos comunitários e criar soluções inovadoras a partir de recursos limitados (Ribeiro Neto, 2025).

Por sua vez, cerca de 34,5% da população adulta brasileira gostaria de empreender, enquanto 30,1% já empreende — o que demonstra o potencial empreendedor existente nas comunidades periféricas. Contudo, apenas 13,2% mantêm negócios estabelecidos há mais de três anos e meio, revelando a fragilidade estrutural desses empreendimentos. A escassez de crédito, a falta de infraestrutura adequada e a carência de redes de apoio empresariais estão entre os principais obstáculos enfrentados por esses empreendedores. Além disso, aproximadamente 63% dos negócios localizados em favelas e periferias operam na informalidade, o que restringe o acesso a políticas de incentivo e crédito bancário, limitando o crescimento e a sustentabilidade desses negócios (Ribeiro Neto, 2025).

Quando se observa o contexto gaúcho, segundo Silva (2025), as empreendedoras das periferias do Rio Grande do Sul estão se afirmando como agentes centrais no desenvolvimento econômico local, os mais de mil territórios periféricos do Estado movimentam anualmente cerca de R\$ 12,5 bilhões, evidenciando o papel significativo dessas comunidades na economia regional.

Ademais, esses negócios, frequentemente originados pela necessidade, também são impulsionados por inovação e redes de apoio comunitárias, como no caso de salões de beleza ou ateliês que se apoiam na vizinhança para crescer. Contudo, enfrentam barreiras estruturais severas como a informalidade, sendo que apenas 33% possuem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), e nem 10% têm conta bancária jurídica. Além disso, só uma a cada três profissionais considera-se como empreendedoras, tendo a maioria, dificuldade de acesso a crédito e a machismo estrutural, que recai sobre mais de 90% das mulheres empreendedoras que geram seus negócios sozinhas ou com apoio familiar. Essas realidades demonstram que, além de gerar renda, o empreendedorismo periférico conecta inclusão social, representatividade e inovação, embora ainda esbarre em limitações institucionais (Silva, 2025).

Em contextos de crise e desastres socioambientais, como as enchentes de 2024 em Canoas, o empreendedorismo feminino periférico assume um papel ainda mais relevante. Muitas mulheres, além de enfrentarem perdas materiais, tornaram-se responsáveis pela reconstrução econômica e emocional de suas comunidades. Esse movimento demonstra como o empreendedorismo atua não apenas como fonte de renda, mas também como ferramenta de reconstrução social e de fortalecimento da autonomia feminina, contribuindo para a resiliência local e o desenvolvimento sustentável das regiões afetadas.

Assim, compreender as características do empreendedorismo feminino é relevante para a sociedade, pois fomenta o debate da igualdade de gênero e do incremento da capacidade empreendedora na sociedade. Principalmente nos países em desenvolvimento este debate é essencial, pois as mulheres necessitam encontrar maneiras de gerar renda e se inserirem no mercado de trabalho, de forma proativa, possibilitando o progresso e o fomento de melhorias econômicas (Cavada *et al.*, 2018)

Portanto, esses dados evidenciam que o empreendedorismo nas periferias está profundamente conectado à realidade social e econômica local, caracterizando-se por uma forte dimensão comunitária e solidária. Assim, o ato de empreender nessas regiões não se restringe à busca por lucro, mas também se apresenta como uma forma de inclusão social, resistência e reconstrução da cidadania.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e de caráter exploratório. Segundo Gil (2008), as pesquisas exploratórias buscam proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito ou construindo hipóteses. Já a abordagem qualitativa, conforme Minayo (2012), é adequada para estudos que visam compreender o significado das ações e relações humanas em contextos sociais específicos.

O público-alvo do estudo compreendeu mulheres empreendedoras de regiões periféricas de Canoas-RS que vivenciaram diretamente as consequências das enchentes de 2024, tendo suas atividades econômicas afetadas. A seleção das participantes ocorreu de forma não probabilística, seguindo a lógica da amostragem por conveniência (Gil, 2008), adequada a estudos qualitativos em que o foco está na profundidade das respostas, e não na representatividade numérica. Ao todo, participaram dez mulheres residentes nos bairros Guajuviras, Rio Branco, Mathias Velho e Harmonia, regiões severamente atingidas pelas enchentes.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, composta por 33 perguntas elaboradas com base nos objetivos específicos da pesquisa. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é um instrumento que permite ao pesquisador explorar as percepções dos participantes, possibilitando flexibilidade para aprofundar temas relevantes surgidos durante o diálogo. A escolha pela entrevista semiestruturada se deu pela necessidade de compreender em profundidade as vivências e estratégias individuais dessas mulheres, permitindo que elas expressassem suas percepções de forma livre e espontânea.

Dessa forma, no presente estudo, as entrevistas foram realizadas no mês de outubro de 2025, de forma presencial com seis participantes e de forma *online* com quatro participantes, conforme a disponibilidade de cada uma. As entrevistas *online* foram conduzidas por meio de plataformas digitais, através do aplicativo Whatsapp utilizando mensagens e áudios, possibilitando a participação de mulheres que não podiam comparecer presencialmente. A adoção desses dois formatos teve como objetivo flexibilizar a coleta de dados, respeitando a disponibilidade das entrevistadas sem comprometer a profundidade das respostas. Esse procedimento é comum em pesquisas qualitativas, pois amplia o alcance da coleta e facilita a participação, especialmente quando existem limitações de tempo, deslocamento ou distância.

Para o tratamento e análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), a qual tem como objetivo relatar e interpretar materiais textuais, permitindo a descrição detalhada dos fenômenos estudados e conduzindo à compreensão profunda das informações coletadas, concebida em três etapas principais:

- a) Pré-análise, com leitura flutuante das respostas e organização do material;
- b) Exploração do material, com categorização dos temas emergentes nas falas das entrevistadas;
- c) Tratamento dos resultados e interpretação, relacionando os conteúdos identificados com o referencial teórico adotado no estudo.

A partir desse processo, foi possível compreender de forma mais profunda as dificuldades enfrentadas, as estratégias utilizadas e o papel do empreendedorismo como alternativa de renda e superação após a enchente para estas empreendedoras.

Quanto aos aspectos éticos, todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo pela pesquisadora e aceitaram participar de forma voluntária. Foi assegurado o anonimato das mesmas, a confidencialidade das informações e o uso exclusivo dos dados para fins acadêmicos, conforme os princípios éticos das pesquisas com seres humanos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Por fim, reconhece-se como limitação do estudo o número reduzido de participantes e o recorte geográfico restrito ao município de Canoas-RS. Contudo, em se tratando de uma pesquisa qualitativa e exploratória, o foco está na profundidade da análise e na compreensão contextual das experiências relatadas, o que confere relevância e validade aos resultados obtidos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, são apresentados e analisados os dados coletados durante a pesquisa, com o objetivo de compreender de que forma o empreendedorismo feminino se manifesta no contexto estudado. A análise buscou identificar os principais desafios, motivações e estratégias utilizadas pelas empreendedoras entrevistadas, relacionando essas informações com o referencial teórico abordado nos capítulos anteriores. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com empreendedoras locais, permitindo compreender suas experiências pessoais e profissionais.

As respostas foram organizadas e analisadas de forma qualitativa, buscando identificar aspectos comuns entre as participantes, como motivações para empreender, desafios enfrentados e estratégias de superação. A análise qualitativa permitiu compreender as percepções e experiências das empreendedoras de maneira mais profunda, valorizando o sentido das suas falas e vivências. A partir da técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), que propõe a interpretação das falas em categorias temáticas. A seguir, será detalhado o conteúdo das entrevistas, bem como a caracterização dos entrevistados.

4.1 Perfil das empreendedoras entrevistadas

O quadro a seguir apresenta o perfil das dez empreendedoras entrevistadas, residentes em diferentes bairros periféricos de Canoas. As informações incluem idade, local de residência, área de atuação, tempo de empreendimento e nível de escolaridade.

Quadro 1 - Perfil das empreendedoras entrevistadas

Entrevistada	Idade	Bairro que reside atualmente	Área de Atuação	Tempo que empreende	Escolaridade
E1	43	Rio Branco	Terapia holística	5 anos	Ensino técnico
E2	41	Harmonia	Acessórios femininos	8 anos	Ensino superior
E3	30	Harmonia	Confeitaria	5 anos	Ensino médio
E4	44	Mathias Velho	Salgados	7 anos	Ensino médio
E5	43	Mathias Velho	Confeitaria	14 anos	Ensino médio
E6	46	Harmonia	Semi-jóias e cosméticos	2 anos	Ensino superior
E7	48	São José	Gestão de pessoas	5 anos	Ensino superior
E8	41	Mathias Velho	Costura	5 anos	Ensino superior
E9	43	Mathias Velho	Presentes personalizados	8 anos	Ensino técnico
E10	41	Harmonia	Calçados	16 anos	Ensino superior

Fonte: autoria própria (2025).

Observa-se que as entrevistadas possuem idades entre 30 e 48 anos, com predominância de moradoras de bairros periféricos como Mathias Velho, Harmonia, Rio Branco e São José. As áreas de atuação são diversificadas, abrangendo confeitaria, salgados, costura, calçados, acessórios, presentes personalizados, terapias holísticas e serviços na área de gestão de pessoas.

O tempo de empreendimento varia de 2 a 16 anos, indicando tanto negócios iniciantes quanto iniciativas já consolidadas. No que se refere à escolaridade, há predominância de mulheres com ensino superior (5), seguidas de ensino médio (3) e ensino técnico (2). Esse conjunto de características evidencia um grupo

heterogêneo, porém marcado pela atuação em atividades acessíveis e de baixo investimento inicial, típicas do empreendedorismo feminino nas periferias urbanas.

4.2 Procedimentos de análise

As entrevistas realizadas com as dez empreendedoras foram analisadas com base na técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Esse método foi escolhido por permitir identificar sentidos, padrões e temas recorrentes nas falas das participantes. Cabe destacar que a análise ocorreu em três etapas de Bardin (2011):

a) Pré análise: realização de uma leitura inicial de todas as transcrições, com o objetivo de conhecer o conteúdo geral e identificar elementos relevantes. Neste aspecto, as respostas foram organizadas em um único documento, facilitando a visualização das falas e o reconhecimento dos temas que mais se repetiam;

b) Exploração do material: nesta fase destacaram-se trechos importantes nas falas durante a entrevista, que foram agrupados por similaridade. Essa verificação permitiu identificar padrões de registros, relacionados aos principais elementos discutidos pelas empreendedoras, como motivos para empreender, dificuldades enfrentadas, estratégias utilizadas e percepções de resultados;

c) Tratamento dos resultados e categorização: os conteúdos coletados foram organizados em seis categorias principais, construídas a partir das informações identificadas nas entrevistas conforme objetivos traçados no estudo. São elas:

1. Motivação para empreender
2. Impactos da enchente
3. Retomada e estratégias
4. Redes de apoio e oportunidades
5. Resultados e percepções de mudança

4.3 Apresentação da entrevista - categorias de análise

A seguir apresentam-se os resultados da categoria de análise identificados por meio da aplicação da entrevista.

4.3.1 *Motivação para empreender*

As entrevistadas revelaram que iniciaram seus negócios motivadas principalmente pela busca de independência financeira, complementação de renda e necessidade de sustentar suas famílias, fatores amplamente associados ao empreendedorismo feminino no Brasil. Dornelas (2008) aponta que o empreendedorismo no Brasil é frequentemente impulsionado por demandas econômicas urgentes, especialmente entre grupos com menor acesso a oportunidades formais de emprego. Hisrich, Peters e Shepherd (2014) reforçam que, para muitas mulheres, empreender representa uma estratégia viável de geração de renda diante da dificuldade de inserção no mercado de trabalho tradicional. O relato das entrevistadas 2, 3 e 8 reforça isso:

Eu comecei a empreender quando fiquei desempregada e estava com dificuldade de me recolocar na área de Assistência Social. Para não ficar parada e poder pagar as contas, comecei a vender roupas femininas. (E2, 2025).

O medo de não ter meio de sustento. A empresa onde eu trabalhava era pequena, uma vidraçaria, e durante a pandemia vi muitos negócios fechando. Pensei: “Tenho filhos, moro de aluguel, preciso de uma alternativa”. Comecei fazendo bolinhos de pote, e com o tempo as pessoas foram gostando, as vendas cresceram e comecei a ampliar o cardápio. Virou uma terapia pra mim. Hoje, o doce é a minha principal fonte de renda. (E3, 2025).

Motivos que me levaram a empreender foram vários, mas principalmente a questão financeira, ter flexibilidade de horário e poder trabalhar de dentro da minha própria casa. (E8, 2025).

O resultado obtido é coerente com estudos sobre empreendedorismo feminino em contextos periféricos, os quais destacam o papel da necessidade como elemento central no início das atividades empreendedoras. Dentre as dez entrevistadas, muitas relataram o empreendedorismo como uma necessidade de gerar renda, em momentos de dificuldades financeiras, já as entrevistadas que possuem filhos, optaram também pela liberdade de poder trabalhar em casa e estar perto dos filhos acompanhando o crescimento deles, mostrando realidades que reforçam que, no contexto pesquisado, o empreendedorismo feminino está fortemente associado à busca por alternativas de sobrevivência e autonomia, especialmente em cenários marcados por vulnerabilidades econômicas e demandas familiares.

Assim, observa-se que a motivação para empreender vai além do desejo de independência profissional, estando profundamente ligada às realidades cotidianas das mulheres e às estratégias que elas constroem para equilibrar trabalho, renda e cuidado. Esse cenário também aparece nos estudos sobre empreendedorismo feminino no Rio Grande do Sul. Grande parte das mulheres empreendedoras do estado inicia seus negócios em decorrência de limitações financeiras e da necessidade de equilibrar múltiplas jornadas de cuidado, de acordo com relatórios recentes da Fecomércio-RS (2025) e do Correio do Povo (2025) confirmam que o empreendedorismo entre mulheres gaúchas está fortemente associado à busca por estabilidade e independência frente a condições socioeconômicas instáveis. Assim, as motivações identificadas nas participantes da pesquisa refletem um movimento comum no estado e no país, especialmente entre mulheres de regiões periféricas.

4.3.2 Impactos da enchente

A enchente de 2024 marcou profundamente a vida das empreendedoras de Canoas, e seus impactos aparecem de forma muito evidente nas falas das participantes. Mais do que prejuízos materiais, as mesmas relatam um período de medo, instabilidade e incerteza, no qual a rotina foi interrompida de maneira brusca. Para muitas, a enchente significou perder não apenas o local de trabalho, mas também o espaço que garantia o sustento da família.

As entrevistadas contam que, durante e após a enchente, precisaram lidar com a perda de mercadorias, equipamentos e insumos, além da impossibilidade de atender clientes por dias ou semanas. A queda nas vendas e a paralisação das atividades afetaram diretamente a renda, deixando algumas em situações de maior vulnerabilidade. Quando a água entrou, o trabalho, a renda e a segurança da família foram atingidos de uma só vez. Esses achados convergem com estudos internacionais da ONU Mulheres (2024), que indicam que mulheres são desproporcionalmente afetadas em situações de desastre, especialmente aquelas

responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo sustento financeiro. As próprias empreendedoras descrevem, em suas palavras, como esse momento foi difícil:

Tanto na parte material, quanto na parte financeira, quanto na parte psicológica... Hoje, quando dá uma chuva de madrugada, eu ainda me abalo. Eu queria muito continuar no meu espaço, mas acho que vou ter que fechar. Infelizmente. Porque as despesas são muito... muito grandes. (E1, 2025).

Perdi todas as roupas e mercadorias que eu tinha em estoque, além dos meus bens pessoais, porque minha casa ficou completamente submersa. Precisei ficar quatro meses morando com a minha sogra, e o impacto foi muito grande, tanto material quanto emocional. Até hoje fico apreensiva quando anunciam chuva forte. Depois da enchente, o momento foi ainda mais delicado: além de lidar com a minha própria perda, nossa renda caiu bastante, porque o negócio do meu marido também foi atingido e ele perdeu todas as ferramentas de trabalho. (E2, 2025).

A enchente acabou com meu negócio, perdi todo meu estoque, perdi móveis da loja física e fiquei com dívidas, além do abalo emocional. (E10, 2025).

Estudos específicos sobre o Rio Grande do Sul também reforçam essa realidade. Segundo o Governo do Estado (2024), as enchentes afetaram majoritariamente pequenos negócios, empreendedoras autônomas e famílias de baixa renda, que enfrentam maiores dificuldades para acessar recursos financeiros e programas de recuperação. A Prefeitura de Canoas (2024) relatou que mulheres representaram uma parcela significativa das pessoas que perderam renda decorrente da paralisação de atividades produtivas. Além das perdas diretas, a enchente também desestruturou base de clientes, especialmente porque muitos moradores do bairro precisaram deixar a região:

Eu não consegui manter o contato com os mesmos clientes. Muitos se mudaram, foram morar em Santa Catarina, saíram do bairro, saíram de Canoas. Outros estão priorizando outras coisas, porque também perderam muito. (E1, 2025).

Alguns clientes voltaram a me chamar após a enchente, mas nem todos, tive que ampliar mais ainda e buscar novas formas de reinventar essa cartela de clientes e fornecedor, até porque eles também foram afetados e estavam passando pela mesma situação. (E8, 2025).

Mas os efeitos não se limitaram ao lado financeiro. As participantes relatam ainda o abalo emocional causado pelo medo de não conseguir reconstruir o que já estava difícil de manter. Muitas tiveram que colocar o negócio em segundo plano para cuidar da casa, dos filhos e de parentes afetados, mostrando como os desastres ambientais afetam de forma desigual mulheres que já acumulam responsabilidades domésticas e profissionais. Além disso, Norris *et al.* (2008) afirmam que eventos extremos produzem rupturas simultâneas nas dimensões material, emocional e social, afetando a estabilidade das famílias — exatamente como evidenciado nas entrevistas. No contexto brasileiro, Ribeiro Neto (2025) e Silva (2025) explicam que empreendedores localizados em periferias enfrentam impactos significativamente mais severos em desastres, devido à precariedade estrutural, à falta de acesso a políticas de proteção e à instabilidade econômica.

Essa combinação de perdas materiais e sofrimento emocional fica evidente nos relatos a seguir:

E claro que o psicológico e o emocional foi bastante afetado. Acho que é a pior parte. Foi um sentimento assim... Primeiro foi um misto de tristeza. Raiva não, mas muita tristeza. Mas ao mesmo tempo veio uma força maior lá de dentro da gente, que a gente precisa reconstruir e vencer e passar por todos esses obstáculos. (E6, 2025).

O sentimento é que não temos tempo para sofrer e se recompor, precisamos simplesmente se refazer. (E10, 2025).

Emocionalmente fico só com medo de acontecer de novo, eu tive que sair antes de encher, só com o meu filho e mais nada, isso gerou muita frustração, medo e insegurança. (E9, 2025).

Me senti impotente por não fazer nada, a gente teve que ser resiliente, mostrar resistência, porque eu trabalho em casa no momento porque eu tenho dois filhos. A minha maior dificuldade de me recolocar no mercado de trabalho, eu imagino que seja justamente isso. A mulher sabe como é que é, né? Se tem filhos, tem que ter com quem deixar e ali trabalhando em casa tu tem essa autonomia. E isso acabou trazendo aquela forcinha, aquele empurrão que tu precisa. Tem que ficar firme, tem que erguer a cabeça, tem que tocar a bola pra frente, porque tem duas crianças ali dependendo da gente. Então, precisamos de força. (E3, 2025).

Mesmo diante das perdas, algumas empreendedoras destacaram a importância da solidariedade, seja de vizinhos, clientes ou amigos, que ajudaram com doações, compras antecipadas ou divulgação dos produtos. Ainda assim, o processo de retomada segue lento e desafiador para a maioria, que precisou recomeçar quase do zero. Os relatos das participantes demonstram essa sobrecarga, especialmente no acúmulo de funções entre trabalho, cuidado familiar e reconstrução da vida, fenômeno também discutido por Gomes *et al.* (2014) e Alperstedt *et al.* (2014), que destacam que a dupla e tripla jornada permanece uma realidade para mulheres empreendedoras.

Assim, os impactos da enchente revelam como eventos climáticos extremos atingem de forma mais intensa mulheres empreendedoras de regiões periféricas. Suas histórias mostram não apenas fragilidades, mas também a força e a capacidade de reconstrução que marcam o empreendedorismo feminino em Canoas.

4.3.3 Retomada e estratégias

O processo de retomada das atividades, após a tragédia em Canoas, mostrou ser um caminho lento e desafiador para as empreendedoras entrevistadas. Embora cada uma tenha sido impactada de forma particular, todas tiveram que encontrar maneiras de reorganizar seus negócios, reconstruir o que foi perdido e adaptar-se às novas condições impostas pelo desastre e pela nova realidade. Esses movimentos dialogam com o conceito de resiliência, entendido como a capacidade de reorganizar a vida após situações traumáticas (Norris *et al.*, 2008). A análise das falas mostra que a retomada envolveu não apenas esforço físico e financeiro, mas também uma grande carga emocional:

A retomada foi no automático, não tem o que lidar. Tem que fazer, tem que ir. Não tem tempo pra sofrer. Não dá pra ficar triste. (E4, 2025).

Confesso que tenho um pouco de medo, sabe? Às vezes a gente acha, será que vai dar certo? Será que vai voltar mesmo, né? Fiquei com aquela insegurança ainda... Mas eu acredito que seja um pouco também da própria ansiedade que ficou do pós, né? Por ser bem traumático. Mas a gente tá indo. Que nem eu sempre brinco, né? Que é um dia de cada vez. Um dia de cada vez e vem sendo cada dia como pode. (E5, 2025).

Esses relatos evidenciam que a retomada não se limitou a reconstruir bens materiais, mas envolveu enfrentar medos, incertezas e a pressão de seguir adiante mesmo diante do trauma. Algumas delas relataram também que, no período pós-enchente, precisaram repor aos poucos as mercadorias, os equipamentos e os materiais de trabalho perdidos, ao mesmo tempo em que reconstruíam suas próprias casas. Em vários casos, a reabertura do negócio só foi possível semanas ou até meses depois, devido aos danos estruturais e à falta de recursos financeiros para retomar as atividades de imediato. De acordo com as falas das entrevistadas:

Ficamos fora de casa por 5 meses, morando de aluguel no bairro São José, eu fui trabalhar fora, e em out/24 voltei pra minha casa, e coloquei meu negócio pra trabalhar de novo. (E9, 2025).

Eu não gosto de dizer a palavra difícil que nós, terapeutas, a gente não usa, né? Mas é desafiador, tá bem desafiador, porque o espaço ainda tá com bastante coisas que a gente precisa arrumar, tipo, tá sem porta interna, tem bastante coisas que ainda precisam ser arrumadas, hoje ainda não consigo botar a internet, então tem muita coisa ainda que precisa ser estruturada. (E1, 2025).

Eu acho que a dificuldade financeira foi maior, porque apesar de tu precisar daquilo por ser a tua renda... Não tem como começar. Como é que tu vai começar, por exemplo, vai comprar forma, comprar ingredientes se tu e teus filhos estão dormindo no chão? Não sabe como é que teus clientes estão comendo, né? Eu fui começar a fazer, eu acho que era lá por agosto, setembro, pra fazer pra venda mesmo. Era só ali pra casa, porque o fogão que eu tinha já não tinha mais, que era um fogão com forno, né? Eu passei a ter um cooktop, aí ganhei um forno, só que daí eu tinha que fazer uns ajustes, precisava de dinheiro pra fazer os ajustes e assim ia, mas a maior dificuldade que eu enfrentei foi financeira. Porque assim, a prioridade era minha casa, os meus filhos estarem bem. Não adiantava nada eu gastar no negócio e deixar os meus filhos vulneráveis. (E3, 2025).

Para muitas, retomar o trabalho significou equilibrar o processo de reconstrução da casa, o cuidado com a família e a busca por formas de manter o negócio ativo, mesmo diante de condições desfavoráveis. Estudos regionais, como o da Fecomércio-RS (2025), indicam que mulheres empreendedoras gaúchas tendem a adotar estratégias de diversificação e adaptação como forma de restabelecer a renda após perdas materiais significativas. Assim, as estratégias utilizadas para a retomada envolveram reorganização do espaço físico para as empreendedoras que já possuíam antes da tragédia, reposição aos poucos de todos os tipos de recursos, adaptação dos serviços e fortalecimento emocional para enfrentar um contexto instável e marcado por insegurança de todas as formas.

4.3.4 Redes de apoio e oportunidades

As entrevistas evidenciam que as redes de apoio tiveram um papel central na reconstrução da vida e do trabalho das empreendedoras. Em um momento marcado por perdas materiais e emocionais, o suporte recebido de familiares, amigos, vizinhos e até clientes se tornou um dos principais elementos para que conseguissem retomar, aos poucos, suas atividades profissionais. Esse apoio não se limitou à ajuda prática: envolveu presença, acolhimento e incentivo em um contexto de incertezas e medo. Granovetter (1985) explica que laços sociais, tanto fortes como fracos, constituem recursos valiosos, capazes de gerar oportunidades econômicas e fortalecer processos de cooperação em momentos de crise.

A família aparece como a base mais sólida para a maioria das participantes, oferecendo lar temporário, cuidados com os filhos e ajuda direta na limpeza e reorganização das casas. Muitas relataram que, sem esse suporte familiar, seria praticamente impossível iniciar qualquer processo de retomada do trabalho. Além disso, as redes comunitárias, formadas por vizinhos, grupos de bairro, voluntários e iniciativas locais, também se destacaram. Em vários relatos, aparecem menções a doações de roupas, móveis, utensílios de trabalho e esforços físicos, além de mutirões solidários que ajudaram a recuperar parte do que havia sido perdido. Essa perspectiva é reforçada em estudos sobre empreendedorismo feminino periférico.

A Central Periférica (2023), por exemplo, aponta que mulheres que empreendem em áreas vulneráveis dependem fortemente de redes comunitárias para divulgar produtos, compartilhar recursos e fortalecer práticas coletivas de geração de renda. Esses gestos reforçam como a solidariedade coletiva funciona como um mecanismo de reconstrução social em contextos de desastre. Esse papel das redes de apoio fica evidente nas falas das entrevistadas, que destacam o quanto a ajuda recebida foi determinante para seguir adiante:

A empresa que eu trabalhava deu bônus pra gente. Para nós que fomos afetados. Doação também, doação de água, enquanto a gente tava sem água, né? Cheguei a pegar doação de roupa também. Doação de roupa das minhas irmãs, de amigas minhas. Porque eu não tinha nem ânimo de sair pra comprar nada, sabe? Tipo, estava muito abalada. E ali a comunidade ajudou bastante, né? Apesar que tava todo mundo na mesma situação. (E2, 2025).

Recebi um auxílio ali do governo que estava dando para as pessoas, né? Também tive uma vaquinha de amigos que a gente nem imaginava que se sensibilizaram e nos ajudaram com um valor. E a gente ficou muito feliz com isso. (E6, 2025).

Recebi ajuda de vários lugares. Ganhei geladeira e fogão de um projeto voltado para mulheres, além de uma pia e um vaso sanitário usados. Também recebi um notebook e uma mesa do Sebrae, uma cozinha de um amigo e de vizinhos, cadeiras e bancos. De uma empresa de TI ganhei doações, como um computador usado e um baú para guardar materiais. Estou na fila para atendimento do Sinergia, mas da Prefeitura de Canoas não recebi nenhum auxílio. Entre todas as ajudas, as doações dos projetos sociais foram as mais importantes para eu conseguir recomeçar. (E7, 2025).

No âmbito profissional, algumas empreendedoras receberam auxílio de clientes e parceiros comerciais, dos quais muitos também eram vizinhos ou estavam passando pela mesma situação durante a enchente, porém se uniram e passaram a divulgar seus serviços, realizar compras de apoio ou simplesmente manter contato para estimular o retorno da atividade. Mesmo pequenos gestos foram percebidos como fundamentais para restaurar a autoestima e a confiança em continuar

empreendendo. Essas vivências aparecem com clareza nos relatos das participantes, que destacam como cada forma de apoio contribuiu para manter seus negócios vivos:

Todo mundo se ajudou, né? É, todo mundo se ajudou e continua se ajudando até hoje. A gente até formou um grupo separado pra gente se ajudar uma à outra, quando uma não encontra uma coisa a outra auxilia. É um grupo com empreendedoras de vários lugares, em Porto Alegre, Alvorada, Gravataí... Tem guria até de Eldorado que também foi muito atingido. E aí são coisas assim que a gente tá sempre se ajudando, sempre se falando, né? Tem promoção ali também. Uma sempre avisa a outra. (E4, 2025).

Eu recebi doações que eu não ia usar, eu sabia que eu não ia usar. Mas daí uma colega minha trabalha, eu passo pra outra, entendeu? Tipo assim, é multiplicar e dividir e tá sempre ali se ajudando. Foi uma troca. No próprio evento que a gente foi, que era um evento de confeitaria, a gente acabou se reencontrando, né? Confeiteiras do próprio bairro que a gente pôde tentar se unir, sabe? Que nem hoje em dia se uma vai no mercado, já avisa a outra. Ah, vai no mercado, tem promoção, sabe? Tem promoção disso. E hoje a gente se ajuda bem mais. (E5, 2025).

Eu tô fazendo bastante amizades nas feiras, tipo, nessa... Nessa de hoje. Eu ganhei também da Prefeitura Avança Mulher Empreendedora também. Foi muito bacana. Agora eu ganhei um outro curso também da prefeitura. Então, esses cursos estão sendo muito bons, porque aí eu tô vendo que as pessoas, principalmente as mulheres, elas se apoiam, se ajudam. Tipo, uma segue a outra, uma comenta, uma curte, uma troca serviço com a outra. Tá sendo muito bacana. (E1, 2025).

Apesar das adversidades, o período também abriu espaço para novas oportunidades. Algumas empreendedoras relataram que a experiência as levou a repensar seus modelos de negócio, adaptar serviços, buscar formação complementar ou até descobrir novos nichos para se arriscarem e talvez se encontrar. Para outras, o aumento da visibilidade comunitária e o fortalecimento dos vínculos sociais se transformaram em possibilidades de expansão e reinvenção profissional. No contexto desta pesquisa, ficou evidente que a reconstrução dos negócios só foi possível devido ao apoio de múltiplos fatores da comunidade.

4.3.5 *Percepções de mudanças e esperança*

As empreendedoras entrevistadas também revelaram que, apesar das perdas e das dificuldades enfrentadas, muitas empreendedoras passaram a perceber mudanças significativas em suas trajetórias pessoais e profissionais após a enchente. Essas mudanças não se restringem apenas ao modo de trabalhar, mas envolvem transformações internas, novos aprendizados e uma reavaliação do próprio papel individual enquanto mulheres empreendedoras na sociedade, em um contexto marcado pela instabilidade. Essas percepções dialogam com a perspectiva de resiliência emocional e comunitária apresentada por Norris *et al.* (2008), segundo a qual a reconstrução pós desastres envolve tanto dimensões práticas quanto simbólicas. Essa percepção aparece de forma clara nos relatos, como demonstra a fala a seguir:

Persistência. Força. Eu acho que a fé é a base de tudo, sabe? Eu acho que é a questão de manter a fé em ti mesmo, às vezes, né? Tem que ter fé em

ti... Às vezes a pessoa é descrente, mas tem que ter fé pelo menos em ti também, né? Eu acho que a persistência e a fé é o que move. (E1, 2025).

Não dá pra desistir dos nossos sonhos. Tudo que é feito com amor e dedicação dá certo, mesmo que demore. As dificuldades são passageiras, mas a vontade de vencer faz toda diferença. (E6, 2025).

De modo geral, as participantes relataram que o período pós-tragédia, os obrigou a serem mais resilientes, conscientes da importância do planejamento e, acima de tudo, mais atentas à necessidade de fortalecer suas redes de apoio e colaboração. Para algumas, o evento representou uma oportunidade, ainda que dolorosa, de reorganizar o negócio, organizar a vida, repensar prioridades e valorizar aspectos que antes passavam despercebidos na rotina. No campo do empreendedorismo feminino, Cavada *et al.* (2018) apontam que mulheres tendem a transformar adversidades em processos de fortalecimento pessoal e ressignificação de suas práticas profissionais, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Essa dinâmica também aparece em estudos recentes do Correio do Povo (2025) que destacam que mulheres empreendedoras no Rio Grande do Sul frequentemente atribuem ao trabalho um significado de superação, autonomia e esperança. As falas das entrevistadas revelam de maneira sensível como essa experiência às marcou e as impulsionou a repensar seus caminhos, como exemplificado a seguir:

Apesar de todas as dificuldades ali vividas, entra muita parte espiritual e energética, né? O que me motiva é saber que, de alguma forma, eu consegui auxiliar aquela pessoa, né? Porque é muito gratificante quando uma pessoa chega lá no teu espaço, chega até ti com depressão, E tu vê que dali seis meses aquela pessoa já tá bem. Então isso me motiva, saber que estou ajudando de alguma forma. (E1, 2025).

Não desistir. Mesmo quando tudo parece difícil, precisa continuar. O que fazemos tem valor, complementa uma festa, alegra alguém, é um presente feito com amor. Por isso, é importante seguir em frente, acreditar no próprio trabalho e não perder a esperança. (E4, 2025).

Além do fortalecimento pessoal, algumas empreendedoras relataram mudanças concretas na forma como conduzem o negócio, como a diversificação de produtos, participação em feiras, ampliação da presença digital ou busca por capacitação profissional. Para muitas, a troca de experiências com outras mulheres também passou a ocupar um lugar de destaque, que com muito carinho favorece a criação de vínculos que auxiliam na reconstrução e na continuidade das atividades.

Mesmo diante das incertezas, a esperança aparece como um elemento recorrente nas narrativas. As entrevistadas demonstram acreditar na possibilidade de recomeçar e de reconstruir suas fontes de renda, ainda que com alguma lentidão. Essa esperança não surge da ausência de problemas, mas da consciência de que, coletivamente e com ajuda, é possível enfrentar desafios e criar caminhos para seguir adiante. Essa esperança, mesmo em meio às perdas, é traduzida com sensibilidade pelas entrevistadas, como demonstram os trechos seguintes:

Não pare, parar não é uma opção. Deus só poderá nos surpreender se seguirmos nosso chamado e nosso propósito de vida, amar as pessoas e acreditar que é possível um mundo melhor mesmo depois de tudo que passamos. (E7, 2025).

Se é teu sonho, continue, só com muito trabalho e dedicação se chega onde quer. Busque ajuda, estude. Se precisar trabalhar em outra coisa por um tempo para se reerguer, trabalhe e volte depois, assim como eu fiz, mas não desista. (E9, 2025).

Assim, embora a enchente tenha provocado traumas profundos, ela também impulsionou um movimento de reconstrução marcado por força, solidariedade e motivação. As narrativas revelam que o empreendedorismo feminino, especialmente em contextos de vulnerabilidade, vai além da geração de renda e envolve a capacidade de ressignificar experiências, reconstruir identidades e transformar adversidades em força para seguir em frente. Ao combinarem esperança, espiritualidade, persistência e apoio coletivo, as empreendedoras demonstram que o recomeço não se limita à bens materiais, mas se estende ao emocional e ao simbólico. Desse modo, os relatos evidenciam que a continuidade dos negócios e a retomada das atividades surgem tanto do trabalho cotidiano quanto da fé compartilhada de que é possível reconstruir a própria vida, mesmo diante da instabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como as empreendedoras dos bairros periféricos de Canoas enfrentaram o processo de reconstrução e retomada dos seus negócios após a enchente de maio de 2024. Para isso, foram analisadas as vivências de dez mulheres moradoras de regiões fortemente afetadas, sendo localizadas nos bairros: Harmonia, Mathias Velho, Rio Branco e São José, do qual puderam ser destacados os impactos materiais, emocionais e estruturais decorrentes do desastre. Ressalta-se que esses dados da pesquisa não representam ao todo e se aplicam apenas às mulheres participantes da pesquisa e diz respeito somente sobre a realidade delas.

Assim, pode-se afirmar que o objetivo geral foi plenamente alcançado, uma vez que os dados coletados permitiram compreender de forma aprofundada os desafios enfrentados por essas mulheres no período pós-enchente, bem como as estratégias adotadas para manter ou retomar suas atividades econômicas. As entrevistas evidenciaram perdas significativas, tanto no âmbito profissional quanto pessoal, refletindo dificuldades que vão desde a destruição de mercadorias e equipamentos até o abalo emocional e o trauma que é vivido até os dias atuais pelas participantes. Em relação aos objetivos específicos, também é possível afirmar que foram atendidos, uma vez que:

a) Os principais impactos das enchentes, que incluíram danos materiais graves, perdas de estoque quase que totalmente ou totalmente, queda total da fonte de renda que a atividade empreendedora proporciona - pelo menos por um tempo - e profundas consequências emocionais, como medo, ansiedade e sensação de instabilidade. Tais achados nos relatos, demonstram que desastres ambientais afetam de maneira maior mulheres empreendedoras, sobretudo quando acumulam responsabilidades domésticas e cuidado familiar ao mesmo tempo de forma que causa sobrecarga.

b) Ao compreender as estratégias utilizadas para reerguer os negócios, pode ser observado, que a retomada envolveu desde reorganização financeira, reposição de forma gradual de insumos e adaptação dos serviços, até que pudesse conquistar a reconstrução emocional e melhora financeira necessária para continuar empreendendo. Muitas participantes relataram a necessidade de equilibrar a

reconstrução da própria casa com a retomada do trabalho, priorizando sempre a reconstrução da casa por conta de prioridades e compromissos com laços familiares, apesar de muitas sentirem culpa por não conseguirem retomar ambas as áreas da vida ao mesmo tempo, incluindo a parte empreendedora de cada uma, evidenciando a complexidade do período pós-desastre.

c) A análise das oportunidades de apoio e capacitação mostrou que redes familiares, comunitárias e iniciativas sociais foram fundamentais para que essas mulheres pudessem recomeçar. A solidariedade desempenhou papel essencial, confirmando a importância dos laços sociais e das políticas públicas na recuperação de pequenos negócios em contextos de vulnerabilidade. A solidariedade se destacou primordialmente em todos relatos, pois foi a comunidade quem fez a maior diferença e continua fazendo na vida dessas mulheres, vizinhos, familiares e amigos que tornaram, ou tentaram tornar, esse momento trágico um pouco mais leve com todo apoio prestado.

Com base nesses achados, pode-se responder à questão problema do estudo. As empreendedoras periféricas de Canoas lidaram com a reconstrução de seus negócios de forma profundamente marcada por resiliência, apoio comunitário e mudanças/alternativas viáveis na forma de trabalhar, diante da ausência ou insuficiência de recursos formais. A gestão do pós-desastre se deu por meio da combinação de principalmente resiliência, apoio coletivo e reinvenção constante, demonstrando que o empreendedorismo feminino nessas regiões ultrapassa a geração de renda, assumindo papel social e emocional na reconstrução da vida dessas pessoas.

Diante dos achados neste estudo, a principal contribuição do mesmo está em dar visibilidade às narrativas de mulheres periféricas que, embora historicamente invisibilizadas nas pesquisas sobre empreendedorismo, desempenharam papel central no processo de reestruturação econômica e comunitária de Canoas. Ao registrar suas experiências, esta pesquisa evidencia como desigualdades de gênero, território e classe se aprofundam em cenários de desastre, mas também como a solidariedade e a criatividade de se refazer em meio a cenários de caos, emergem como mecanismos de resistência e reconstrução.

Ao longo das entrevistas as principais limitações envolveram: dificuldade de acesso às participantes em razão a quem se encaixava nos parâmetros de morar em bairros afetados pelas enchentes, falta de tempo tanto das entrevistadas quanto da entrevistadora para conseguir marcar horários para as entrevistas e também delimitação geográfica apenas aos bairros analisados do qual moram as participantes. Tais limitações, entretanto, não comprometem a qualidade dos achados, pois o foco esteve na profundidade das experiências, e não na generalização estatística.

Sugere-se que estudos posteriores possam ampliar o número de participantes e bairros investigados, a inclusão de empreendedores de outros setores, - diferentes dos já analisados nesta pesquisa - para fins comparativos, análises sobre políticas públicas de resposta e reconstrução e também, investigações sobre impactos de longo prazo na trajetória profissional das mulheres.

Desse modo, foi possível identificar que, apesar das barreiras enfrentadas, o empreendedorismo feminino periférico demonstrou ser uma força indispensável na reconstrução social, econômica e emocional das comunidades atingidas. As histórias relatadas revelam que esperança, resiliência e redes de apoio são elementos centrais para compreender como essas mulheres seguem reinventando a própria realidade e reafirmando seu protagonismo em meio à adversidade.

REFERÊNCIAS

ALPERSTEDT, G. D. F.; BORGES, J.; SERAFIM, M. C. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, p. 221–234, 2014. Acesso em: 2 de nov. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/904>. Acesso em: 20 nov. 2025.

CAVADA, C.; BOBEK, V.; SKOKO, H.; MACEK, A. Cultural foundations of female entrepreneurship in Mexico: challenges and opportunities. *Nase Gospodarstvo / Our Economy*, v. 64, n. 1, p. 28–40, 2018. Acesso em: 2 nov. 2025.

CENTRAL PERIFÉRICA. Mulheres empreendedoras além das periferias. Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes, 16 out. 2023. Disponível em: <https://centralperiferica.eca.usp.br/mulheres-empendedoras-alem-das-periferias/>. Acesso em: 09 set. 2025.

CIATOS. O papel do empreendedor. [S.l.: s.n.], s.d. Disponível em: <https://diegociatos.com.br/o-papel-do-empendedor/>. Acesso em: 5 out. 2025.

CNN BRASIL. 10 setores em alta para empreender em 2025. São Paulo: CNN Brasil, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/negocios/10-setores-em-alta-para-emprender-em-2025/>. Acesso em: 25 out. 2025.

CORREIO DO POVO. Conheça o perfil das empreendedoras no RS. Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/bellamais/carreira/conhe%C3%A7a-o-perfil-das-empendedoras-no-rs-1.1589802>. Acesso em: 20 nov. 2025.

COSTA, A. M.; CERICATO, D.; MELO, P. A. O empreendedorismo corporativo: uma nova estratégia para a inovação em organizações contemporâneas. *Revista de Negócios*, Blumenau, v. 12, p. 1-10, 2007. Acesso em: 11 out. 2025.

DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/628455144/Empreendedorismo-Transformando-Ideias-Em-Negocios-by-DORNELLAS-Jose-Carlos-Assis-Z-lib-org>. Acesso em: 5 out. 2025.

DORNELAS, J. C. A. *Os dez mandamentos do empreendedorismo*. Carreira & Sucesso, 2010. Acesso em: 11 out. 2025.

FECOMÉRCIO-RS. *Empreendedorismo feminino: como mulheres estão criando negócios de sucesso e fazendo a diferença*. São Paulo: Fecomércio-RS, 12 mar.

2025. Disponível em:

<https://www.fecomercio-rs.org.br/noticiadetalhe/2025/03/12/Empreendedorismo-feminino-como-mulheres-estao-criando-negocios-de-sucesso-e-fazendo-a-diferenca/bb911726-9ae4-4f0c-9e2e-9299441ab453>. Acesso em: 5 out. 2025.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em:

<https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnica-s-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GOMES, A. F.; ARAÚJO, U. P.; MARTINS, C. M. F.; SANTANA, W. G. P.

Empreendedorismo feminino como sujeito de pesquisa. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, p. 16–51, 2014. Acesso em: 2 nov. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Estudo destaca impactos socioeconômicos dos eventos extremos de 2024. Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/estudo-destaca-impactos-socioeconomicos-dos-eventos-extremos-de-2024> . Acesso em: 5 out. 2025.

GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. American Journal of Sociology, v. 91, n. 3, p. 481–510, 1985.

Acesso em: 20 nov. 2025.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. Empreendedorismo. 9. ed. São Paulo: AMGH, 2014 Disponível em

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=r-q_AwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR4&dq=conceito+de+empreendedorismo&ots=MyyaYPb3xB&sig=GaBnlvdTwrpxOtgJvi378le9d3Y&redir_esc=y#v=onepage&q=conceito%20de%20empreendedorismo&f=false. Acesso em: 11 out. 2025.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. Entrepreneurship. Homewood: Richard D. Irwin, 1986. Acesso em: 11 out. 2025.

LAGES, S. R. C. Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda.

Revista Estação Científica, 2005. Acesso em: 02 nov. 2025.

LEITE, E. O fenômeno do empreendedorismo. Recife: Bagaço, 2000. Acesso em: 11 out. 2025.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). Cadernos CRH, Salvador, v. 15, n. 37, p. 81–109, 2002. Acesso em: 25 out. 2025.

MEMP – Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Nos 15 anos de MEI, Ministério do Empreendedorismo busca ampliar benefícios ao setor. Brasília, 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/memp/pt-br/assuntos/noticias/nos-15-anos-de-mei-ministerio-do-empreendedorismo-busca-ampliar-beneficios-ao-setor>. Acesso em: 26 out. 2025.

MERCADO & CONSUMO. Mulheres já representam 45% dos MEIs no Brasil. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://mercadoeconsumo.com.br/>. Acesso em: 5 out. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012. Disponível em: https://books.google.com/books/about/O_desafio_do_conhecimento.html?hl=pt-BR&id=a0VASgAACAAJ. Acesso em: 20 nov. 2025.

NORRIS, F. H.; STEVENS, S. P.; PFEFFERBAUM, B.; WYCHE, K. F.; PFEFFERBAUM, R. L. Community resilience as a metaphor, theory, set of capacities, and strategy for disaster readiness. *American Journal of Community Psychology*, v. 41, n. 1–2, p. 127–150, 2008. Acesso em: 20 nov. 2025.

ONU MULHERES. Transforming Disaster Response: Women-Led Climate Solutions in Asia and the Pacific. 2024. Disponível em: <https://wrd.unwomen.org/sites/default/files/2024-10/ActionAid-Report-Transforming-Disaster-Response-Women-Led-Climate-Solutions-in-Asia-and-the-Pacific-2024.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. Recomeço de Canoas: informações sobre a reconstrução da cidade após as enchentes de 2024. Canoas: Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/recomeco-de-canoas/>. Acesso em: 5 out. 2025.

RIBEIRO NETO, A. Empreendedorismo nas periferias e desenvolvimento humano integral. O São Paulo, 2025. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/cidadania/empreendedorismo-nas-periferias-e-desenvolvimento-humano-integral/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

SEBRAE. Empreendedorismo e inovação. 2021. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ac/artigos/empreendedorismo-e-inovacao,a680ce1f53b9d710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 5 out. 2025.

SEBRAE. Conheça 8 tipos de empreendedorismo e veja qual é o seu. 14 jul. 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/conheca-8-tipos-de-empreendedorismo-e-veja-qual-e-o-seu,5a2c8dc005ad1810VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 11 out. 2025.

SEBRAE. As características das mulheres empreendedoras. Brasília: Sebrae, 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/as-caracteristicas-das-mulheres-em-preendedoras%2C83f2c79a303f4810VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 25 out. 2025.

SEBRAE. Desafios das mulheres empreendedoras. 2023. Disponível em: <https://ce.agenciasebrae.com.br/dados/desafios-das-mulheres-empendedoras/>. Acesso em: 25 out. 2025.

SEBRAE. MEI – formalização, regras e obrigações. Sebrae, 12 abr. 2023. Disponível em:

<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/mei-formalizacao-regras-e-obrigacoes>. Acesso em: 25 out. 2025.

SEBRAE. MEI geram ganho adicional na economia de até R\$ 69,5 bilhões. Brasília: Agência Sebrae de Notícias, 2023. Disponível em:

<https://agenciasebrae.com.br/dados/mei-geram-ganho-adicional-na-economia-de-ate-r-695-bilhoes/>. Acesso em: 25 out. 2025.

SEBRAE. Retrato do empreendedorismo no Brasil – GEM 2024-2025. Curitiba: Sebrae/PR, 2025. Disponível em:

<https://sebraepr.com.br/impulsiona/retrato-do-empreendedorismo-no-brasil-gem-2024-2025/>. Acesso em: 25 out. 2025.

SILVA, M. S. da; LASSO, S. V.; MAINARDES, E. W. Características do empreendedorismo feminino no Brasil. Revista Gestão e Desenvolvimento, v. 13, n. 2, p. 150–167, 2016. Acesso em: 2 nov. 2025.

SILVEIRA, J. P.; TEIXEIRA, M. R. de C. Empreendedor individual e os impactos pós-formalização. Perquirere, Patos de Minas, v. 1, n. 8, p. 223-252, jul. 2011.

Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/3619>. Acesso em: 25 out. 2025.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. Disponível em:

https://books.google.com/books/about/Introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_pesquisa_em_ci%C3%A2ncias_so.html?hl=pt-BR&id=MvETAAAACAAJ. Acesso em: 20 nov. 2025.

WILKENS, J. A mulher empreendedora: como iniciar seu próprio negócio. São Paulo: McGraw-Hill, 1989. Acesso em: 22 set. 2025.